



Constrangimento e uso do preservativo: uma questão de gênero

Isabela Crestani Bechel, discente de graduação, Universidade Federal do Pampa, Campus Uruguaiana

Anna Laura Holler Maioli, discente de graduação, Universidade Federal do Pampa, Campus Uruguaiana

Beatriz Diniz da Conceição, discente de graduação, Universidade Federal do Pampa, Campus Uruguaiana

Isabela Pretto Biasi, discente de graduação, Universidade Federal do Pampa, Campus Uruguaiana

Juliana Lopes de Macedo, docente, Universidade Federal do Pampa

Lucas Pitrez da Silva Mocellin, docente, Universidade Federal do Pampa

e-mail primeiro autor- isabelabechel.aluno@unipampa.edu.br

Apesar de serem assuntos bem difundidos em algumas esferas sociais, tópicos relacionados ao sexo e à sexualidade ainda são censurados em diversos contextos, inclusive no meio universitário. Ademais, é necessário destacar que a desigualdade de gênero presente no meio social interfere na forma como cada pessoa se relaciona com tais temas. Tendo isso em vista, faz-se pertinente investigar as relações existentes entre a diferença de gênero e o comportamento individual no que tange ao uso de camisinha, principalmente em relação ao constrangimento durante a sua negociação. Nesse contexto, objetivou-se caracterizar o contexto afetivo-sexual dos acadêmicos da Universidade Federal do Pampa (Unipampa) e verificar fatores que influenciam no constrangimento para solicitar o uso de preservativo. A pesquisa, de cunho quantitativo e desenho transversal, foi realizada através de um questionário aplicado digitalmente, por meio da ferramenta *Google Forms*, entre outubro e dezembro de 2020. O formulário foi divulgado por meio das redes sociais e do e-mail institucional dos discentes, exigindo como pré-requisito ser estudante da Unipampa e maior de 18 anos. Posteriormente, foi feita a análise da frequência absoluta e relativa de cada variável. Também foi verificada a associação entre fatores que potencialmente influenciam sobre o constrangimento no uso da camisinha por meio do teste Qui-quadrado. As análises foram desenvolvidas no *software Statistical Package for the Social Sciences (SPSS)*, versão 22.0. Alcançou-se um total de 284 respostas. Em relação aos dados sociodemográficos, verificou-se que 10,6% das respostas englobava pessoas de 18 e 19 anos; 27,1%, de 20 e 21

anos; 25,7%, de 21 e 23 anos; 10,6%, de 24 e 25 anos; 13,4%, dos 26 aos 30 anos; e 12,7% de 30 anos ou mais. Além disso, 38,4% dos respondentes afirmaram possuir renda até 1000 reais e 30,3% entre 1001 e 2000 reais. Sobre gênero, 70,4% se identificaram como mulher cis; 29,2% como homem cis e 0,4% como homem trans. No que se refere à orientação sexual, 75,4% dos participantes são heterossexuais; 5,6% homossexuais; 16,2% bissexuais; e 2,8% se enquadram na categoria “outro”. A respeito da caracterização do contexto afetivo-sexual, perguntou-se a faixa etária na 1ª relação sexual: 39,8% entre 14 e 16 anos e 38% entre 17 e 19 anos. Ademais, sobre a quantidade de parceiros sexuais ao longo da vida, 53,2% dos respondentes tiveram 1 a 5 parceiros. Do total de participantes, 60,8% afirmam possuir parceiro fixo. Sobre o parceiro da última relação, 49% das respostas indicaram namorado(a); 23,6% ficante; 11,4% marido/esposa e 10,3% parceiro(a) casual. Em relação ao tempo de parceria sexual com essa pessoa, 40,4% afirmam até 12 meses; 13,7% entre 1 e 2 anos; 34,6% mais de 2 anos e 11,4% correspondem a uma relação eventual. Em acréscimo, 54,4% dos participantes afirmam terem utilizado camisinha na última relação, enquanto 49,4% afirmam utilizar em todas as relações. Quando questionados se a camisinha atrapalha no prazer sexual, 48,3% responderam “um pouco” e 41,4% responderam “não”. Sobre a iniciativa em usar a camisinha, 46,4% afirmam ser iniciativa própria, e se o parceiro recusar, não fazem sexo; 8,4% também afirmam ser iniciativa própria, porém se o parceiro recusar, fazem sexo; 4,6% afirmam que a iniciativa é do parceiro, e caso ele não queria usar, fazem sexo; 31,9% espera a iniciativa do parceiro, porém tomam a iniciativa se o outro não pedir pelo preservativo; e 8,4% afirmam não utilizar camisinha. Ainda sobre o constrangimento para pedir o uso da camisinha, 1,9% afirma sempre se sentir constrangido(a); 78,3% nunca se sente constrangido(a) e 19% às vezes se sente constrangido. Um achado relevante da pesquisa se deu ao analisar a relação do gênero com o constrangimento em pedir para utilizar preservativo, em que 23,2% das mulheres afirmam ficarem constrangidas, em contrapartida de apenas 10,4% dos homens na mesma situação ($P = 0,039$). Assim, destaca-se que, mesmo em um público altamente escolarizado, é predominante o não uso de preservativos em todas as relações- 50,6% dos respondentes. Ademais, fica evidente a atuação da construção social no que tange ao sexo e à sexualidade, ressaltada pela desigualdade de gênero nessas esferas. Esse cenário provavelmente é consequência dos ainda atuais discursos reproduzidos nos diferentes ambientes (família, escola, mídia, etc) que não colocam as mulheres como agentes ativos de sua própria vida sexual. Outro ponto a destacar é que, mesmo em um contexto universitário, no qual a importância do uso de preservativos como barreira para evitar Infecções Sexualmente Transmissíveis é bem difundida, a desigualdade de gênero ainda se mostra imperativa.

Agradecimentos: Aos participantes da pesquisa.

Palavras-chave: Uso de camisinha; Constrangimento; Gênero.